

A mídia e o mito: uma análise do papel da imprensa mineira na construção da trajetória do estuprador da Zona Sul

Nair Prata*

Resumo

Qual o papel da mídia na construção de um mito? Neste texto, analisa-se o papel da imprensa mineira na construção da mitificação da figura de Ivan Marques de Oliveira, conhecido como Estuprador da Zona Sul, um homem que aterrorizou a população feminina de Belo Horizonte por cometer estupros e abusos sexuais em série. No artigo, levanta-se a vida e os crimes do Estuprador da Zona Sul, analisam-se as perspectivas teóricas do estupro, avalia-se a violência sexual sob o ponto de vista feminista e, com base nesses argumentos, reflete-se sobre a responsabilidade social da mídia e seu papel na construção dos mitos.

Palavras-chave: *Mídia. Estupro. Mito.*

* Jornalista. Doutora em Linguística Aplicada (UFMG). Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH).

Introdução

Qual o papel da mídia na construção de um mito? Os mitos podem ser tanto os olímpicos, de que fala Morin (1982), quanto aqueles personagens alçados a essa condição de superestrelas da imprensa por sua conduta criminosa. O recorte deste trabalho é na trajetória de Ivan Marques de Oliveira, conhecido como *Estuprador da Zona Sul*, um homem que aterrorizou a população feminina de Belo Horizonte por cometer estupros e abusos sexuais em série. Neste texto, levanta-se a vida e os crimes do *Estuprador da Zona Sul*, analisam-se as perspectivas teóricas do estupro, avalia-se a violência sexual sob o ponto de vista feminista e, a partir desses argumentos, reflete-se sobre o trabalho da mídia e a conduta ética dos jornalistas.

Charaudeau (1999) afirma que toda descrição de um objeto social pressupõe a existência de uma metodologia de análise e de uma teoria. O *corpus* deste texto foi montado com base em entrevistas, matérias de jornais, programas de rádio e boletins de ocorrência da Polícia Militar. Assim, o objetivo com este artigo é sistematizar argumentos teóricos sobre o crime de estupro e, com base na trajetória do *Estuprador da Zona Sul*, refletir sobre a responsabilidade social da mídia e seu papel na construção dos mitos.

A trajetória do *estuprador da zona sul*

A vida e os crimes¹

No início da década de 1980, uma seqüência de crimes em série alarmou a população de Belo Horizonte. Principalmente na Zona Sul da cidade, mas também em outras regiões da Capital, em bairros como Caiçara e Padre Eustáquio, um homem assaltava as residências e, após o roubo, estuprava mulheres, suas vítimas. Esse homem agia sempre da mesma forma: chegava às casas e se identificava como funcionário dos Correios, da Copasa ou da Cemig, e as pessoas abriam a porta para ele. Depois de entrar, rendia a família. Às vezes, quando havia duas mulheres na casa, ele trancava uma no banheiro, enquanto estuprava a que lhe interessava.

Na cidade, o homem já ganhara um apelido, *Estuprador da Zona Sul*, por causa dos ataques às mulheres do bairro Sion. Diante dessa série de crimes, a polícia começou a catalogar os dados do bandido que aterrorizava a cidade: o biotipo, a cor, a altura, o modo de agir. Como entre os objetos roubados nas casas havia muitas jóias, a polícia passou a investigar as casas de penhor. Até que num tradicional centro comercial da cidade, a Galeria Ouvidor, numa loja que comprava ouro, a polícia

1 Os dados sobre a trajetória de Ivan Marques de Oliveira foram obtidos em entrevista com o inspetor José Maria Cachimbino, no dia 1º/7/2003, na Delegacia de Furtos e Roubos, Barro Preto, Belo Horizonte, especialmente para este trabalho.

verificou que um mesmo homem vendera jóias por quatro ou cinco vezes. Uma vítima foi levada para as proximidades da loja e fez-se o reconhecimento do homem. Era Ivan Marques de Oliveira, nascido em 7 de setembro de 1962, em Belo Horizonte. Certamente, foi um dos estupradores que mais atraíram os holofotes da mídia. A Capital mineira presenciou outros casos de estupros em série, mas o caso de Ivan ganhou intensa repercussão, principalmente porque, no início, atacava mulheres da Zona Sul, área nobre da cidade.

A carreira de Ivan no crime começou por volta dos 13 anos, com pequenos furtos, mas ele somente foi preso pela primeira vez aos 17 anos, para averiguações por furto e encaminhado à Delegacia de Menores. Estudou até a quarta série do ensino fundamental e morava no bairro Caiçara com os pais, Hamilton Cândido de Oliveira e Odília Zeferina de Oliveira, e nove irmãos. Os primeiros furtos ocorreram na padaria perto de sua casa, para ajudar a família pobre. Depois, passou a arrombar e roubar carros. Aos 14 anos, Ivan já andava com uma arma na mão. Trabalhou como pedreiro e, mais tarde, como artesão, além de ter atuado como expositor na Feira Hippie da Praça da Liberdade. Ivan Marques de Oliveira teve esposa e dois filhos.

O primeiro crime de Ivan alcançou grande repercussão na mídia. Em 1979, na Rua do Ouro, 1488, bairro Serra, Zona Sul da cidade, aos 17 anos, Ivan assaltou a residência e estuprou e matou a professora de inglês Helena Prates Ribeiro, 31 anos. Pelo assassinato da professora, foi preso no Instituto de Psicopatologia e Estudos do Menor Infrator (Ipemi), em Barbacena, de onde fugiu. Ao completar a maioridade, foi preso em Juiz de Fora, de onde desapareceu no começo da década de 1980. A partir de fevereiro de 1985, iniciou uma seqüência de assaltos em que violentava sexualmente suas vítimas. Seus alvos preferidos eram mulheres que ficavam sozinhas em casa, no bairro Sion, Zona Sul da cidade. Foi preso em outubro de 1985, ficando detido na penitenciária de Ribeirão das Neves, de onde fugiu em setembro de 2002. (ESTADO DE MINAS, 2003)

Além do caso da professora de inglês, ficaram na memória da cidade outros estupros cometidos por Ivan. Alguns exemplos: uma mulher grávida, com seis meses de casada, foi estuprada por ele; uma moça de 16 anos, filha de pessoas influentes de Belo Horizonte, estava se preparando para ir para o exterior fazer um curso quando, também, foi estuprada. A forma de atuação do *Estuprador da Zona Sul* era sempre a mesma: gostava de apavorar as mulheres. Usando faca ou revólver, primeiro levava suas vítimas ao desespero para, então, praticar o ato sexual, que tanto poderia ser uma

relação completa quanto a realização de sexo oral. Uma vítima relata que Ivan chegou a ejacular em sua boca.² O *modus operandi* de Ivan sempre começava pelo ritual de primeiro apavorar a mulher. Quanto mais a vítima se apavorava, mais excitado o estuprador ficava. Talvez o prazer sexual dele viesse desse pavor. Um viés que não alcança neste artigo seria o possível ódio de Ivan ao sexo feminino e as causas disso. Ele gostava de apavorar as mulheres, fazê-las entrar em desespero, constrangê-las ao extremo com práticas sexuais humilhantes. Mas, na cela, mantinha comportamento homossexual, passando ao largo da sua fama de virilidade que corria as ruas e a mídia de Belo Horizonte como o *Estuprador da Zona Sul*.

Ivan costumava pegar as pessoas de surpresa. Pulava muros, quebrava telhados, escalava grades. Mas, muitas vezes, se via uma mulher que lhe agradava, ficava de tocaia dois, três dias, para verificar qual era o comportamento da sua futura vítima, se ela morava com mais alguém, qual o horário em que permanecia sozinha em casa. Preparava-se para o estupro. Em alguns casos, escolhia com requinte a sua vítima. Em entrevista ao jornalista Joubert Oliveira (1997, p. 3), Ivan se defendeu dos seus crimes:

Meu caso não foi assim como as pessoas falam. Na época tinha crime em série, eu fui um dos primeiros caras a ser preso, jogaram todos os crimes em cima de mim. Depois de feita a ocorrência aí vem choque, pau de arara, te dependuram lá no alto e vêm com a mangueira de água no seu nariz.

Algumas vítimas mais recentes do *Estuprador da Zona Sul* tiveram de se submeter a testes de HIV para verificar uma possível contaminação, já que Ivan Marques de Oliveira tornara-se soropositivo. Vítimas contam como foi a ação do estuprador:

Ele pulou para a minha casa e já pulou armado, já me ameaçando, mandando eu pegar o meu filho. Eu peguei o meu filho e ele já mandando eu subir pra cima da escada, já mandando eu subir. Foi tudo muito rápido. Uma coisa fria... Então ele me trancou no quarto. Foi até o quarto, abriu a porta do guarda-roupa, tirou tudo lá de dentro, me colocou lá dentro com meu filho, revirou a casa e aí depois ele abriu a porta do quarto de novo, me tirou, prendeu meu filho dentro do quarto e me levou para o meu quarto e abusou de mim. No momento eu achava que isto não existia, sabe... eu tenho três filhos, eu achava que isto não existia, que nunca iria acontecer com uma mãe de família.

2 As últimas vítimas e os últimos assaltos de Ivan Marques de Oliveira foram registrados na região da Pampulha, em Belo Horizonte, no período de março a 26 de junho de 2003, data da prisão dele. As cópias das ocorrências foram fornecidas pela Polícia Militar, especialmente para este trabalho.

Eu estava trabalhando na hora, ele passou o muro, pulou para o telhado, entrou para a área da cozinha e eu estava passando roupa no quarto e aí, na hora que eu vi, ele estava lá dentro do quarto. Ele estava com um revólver pequeno preto. Ele me pôs numa parte do guarda-roupa e pôs a minha poodle na outra. Aí eu fiquei lá bastante tempo, vi que ele estava mexendo na casa. Aí ele me tirou do guarda-roupa e me levou para o quarto e aí... Aí depois ele fez eu tomar banho, me deu minha roupa pra mim vestir.

Ele entrou na casa da patroa que eu trabalhava. Trancou a gente no quartinho de despejo e começou a roubar.. Depois de 15 minutos me puxou e pediu a chave do quarto. Aí eu falei que não tinha acesso às coisas íntimas da mulher, aí depois de meia hora ele me puxou pro meu quarto e tirou o pênis dele e colocou na minha boca. Fui obrigada porque ele colocou uma faca na minha cara.³

Dezesseis de março de 1985. Aos 18 anos, Janaína levava uma vida como a de outras garotas de sua idade. Estudava, gostava de música e estava entusiasmada com o curso de crisma que acabara de começar. Um som alegre tocava no rádio e a jovem recortava uma revista na varanda, quando resolveu entrar para o quarto. Envolvida pela música não se deu conta que havia deixado o portão aberto, só voltou a pensar naquilo quando um homem estranho estava na porta do quarto olhando para ela com uma arma na mão. ‘Você nunca pensa que vai acontecer com você’, conta Janaína, hoje com 30 anos, psicóloga, casada e sem filhos. Ela lembra que em momento algum pensou que fosse ser estuprada, achou que o homem fosse apenas roubar. ‘Ele me amarrou na cama os com as pernas e os braços abertos, como se fosse a imagem de Jesus Cristo’, recorda Janaína. Para abafar seus gritos ele a amordaçou com uma meia e usou uma faca para cortar sua calcinha. Só então Janaína percebeu o que iria acontecer. ‘Aí foi o verdadeiro pavor.’ [...] Depois de contar a história para a mãe, começou então a segunda fase, ir até a delegacia, registrar ocorrência, fazer exame de corpo de delito, que acusou, além de hematomas nas coxas, rompimento de hímen. [...] Janaína continua fazendo terapia. ‘Prefiro não pensar mais nisto, nunca mais falei com ninguém sobre o assunto, só minha família e meu marido sabem, não vou ficar alimentando esse trauma’, afirma. (OLIVEIRA, 1997, p. 3)

³ Estes três primeiros depoimentos foram concedidos em entrevista ao repórter Laudívio Carvalho, da Rádio Itatiaia e veiculados no programa Itatiaia Patrulha no dia 27/6/2003. A cópia destas entrevistas foi cedida a este trabalho pela Rádio Itatiaia. O quarto depoimento foi transcrito de.

Ivan Marques de Oliveira foi preso em flagrante – pela última vez – no dia 26 de junho de 2003, depois de assaltar uma casa e obrigar uma mulher a fazer-lhe sexo oral, no bairro Santa Amélia, região da Pampulha, em Belo Horizonte. Ivan era portador do vírus HIV e fugira do Hospital Eduardo de Menezes, no Barreiro, no dia 19 de setembro de 2002. Havia sido levado da Penitenciária José Maria Alkimin, em Ribeirão das Neves, Grande BH, para o hospital, porque estava com pneumonia. Apesar de ficar algemado na cama do hospital, Ivan conseguiu fugir e estava foragido desde então.

Durante depoimento, depois de ser preso pelos policiais militares, Ivan admitiu que praticou pelo menos 11 assaltos e estupros de março a junho de 2003. O titular da Delegacia de Furtos e Roubos, delegado Marcelo Machado, se surpreendeu com a frieza de Ivan ao prestar depoimento. “Ele estava tranqüilo e afirmou não ter medo nem receio de ficar preso”, observou o policial, afirmando que fez pelo menos 40 vítimas. Ivan admitiu que estupro uma mulher de 65 anos duas vezes (ESTADO DE MINAS, 2003, p. 18). Policiais admitem que Ivan tenha estuprado mais de 50 mulheres em sua trajetória de crimes.

Os policiais chegaram a alertar Ivan sobre os riscos que uma cela populosa oferece para quem tem histórico de estupros. Mas ele respondeu: *Não tem perigo, eu me dou bem com todos. Eu não tenho que ficar isolado não, eu sou líder da rapaziada.* Acabou funcionando o Código de Honra⁴ dos detentos, que pune estupradores com execução sumária. A permanência de Ivan Marques de Oliveira, na cela sete da Delegacia de Crimes Contra o Patrimônio (Furtos e Roubos), Barro Preto, Centro-Sul da Capital durou menos de duas horas. Ele apareceu morto por volta da meia-noite do dia 26 de junho de 2003. Ivan foi encontrado enforcado com uma “teresa” (corda feita de pedaços de panos) amarrada no pescoço e na grade da cela. De acordo com a polícia, alguns dos 30 presos que dividiam a cela com ele contaram que, ao entrar no local, às 22 horas, ele demonstrou preocupação em ter de tomar banho de sol com os 530 homens que estavam na unidade. Por isso teria cometido suicídio.

O delegado Leonardo Vieira Dias, que estava de plantão no Departamento de Investigações na hora da morte de Ivan, explica como tudo aconteceu:

⁴ Código de Honra ou Código de Ética: É uma relação de condutas e posturas do que é permitido e do que é proibido numa penitenciária. Esse código varia de uma cadeia para outra, dependendo da região do país. O julgamento, muitas vezes, acontece como num tribunal, com uma ala atuando na defesa e outra na acusação do réu. As penalidades vão desde uma simples advertência até a pena de morte. Em alguns casos, o rito é sumário e a sentença aplicada na hora. É interessante observar que, se o detento recebe alguma condenação dos outros presos e não cumpre o castigo por fuga, doença ou outro motivo, quando volta para a cadeia a dívida continua. Algumas condutas e posturas passíveis de punição: elogiar a mulher ou a mãe de outro detento; soltar gases na hora do almoço; furtar alguma coisa de outro detento dentro da cela; deixar de pagar dívidas de jogo; crimes contra crianças; crime de estupro. O código também prevê premiações. Quem mata um policial ou um promotor, por exemplo, fica numa categoria conceitual superior. Se um detento está cheio de problemas dentro da cela, pode optar por matar um carcereiro, por exemplo, para se livrar das penalidades impostas pelos companheiros.

Segundo os presos que com ele se encontravam, bastante preocupado com o encontro que iria ter no dia seguinte com mais de 400 presos, ele muito atordoado, suicidou-se. Pela experiência policial a gente acha que existem casos realmente em que isso acontece. Porém, no caso do Ivan, um estuprador famoso, talvez um ícone, infelizmente, neste segmento criminal aqui em Minas Gerais... a revolta dos presos que tem familiares, porventura... até talvez tenha algum deles que foi vitimado por este Ivan faz com que haja esta intenção de eliminá-lo.⁵

A presença de fraturas no crânio e no tórax, além de escoriações por todo o corpo, levam à hipótese de assassinato. Outro indício de assassinato é a cena do crime. O lugar onde o corpo foi encontrado não tinha altura suficiente para que Ivan se enforcasse. Na mesma cela estavam outros 33 detentos. Os policiais de plantão na Delegacia de Furtos e Roubos foram alertados sobre a morte de Ivan quando, em coro, os presos gritaram: *Tem presunto! Tem presunto.*⁶ Nenhum dos presos da cela sete admitiu ter visto Ivan cometer suicídio, alegando que dormiam quando o fato aconteceu. Três irmãos de Ivan reconheceram o corpo no Instituto Médico-Legal (HOJE EM DIA, 2003). No somatório de suas penas, Ivan Marques de Oliveira foi condenado a 309 anos de prisão. Chegou a cumprir 16 anos por 11 assaltos seguidos de estupro, respondendo também por outros 20 furtos ou assaltos. Cumpria pena na Penitenciária Nelson Hungria, em Nova Contagem, Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O estupro

Crime e violência

O Código Penal brasileiro qualifica o estupro como crime. O art. 213 explica: “Constranger a mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”. A pena de reclusão é de 3 a 8 anos. É um crime cuja vítima, legalmente, é sempre uma mulher e o acusado sempre um homem. De acordo com o Tribunal Superior de Justiça,⁷ mesmo que não causem a morte ou lesão corporal de natureza grave, os crimes de estupro e atentado violento ao pudor são considerados hediondos, devendo a pena ser cumprida em regime integralmente fechado.

No caso abordado especificamente neste texto, o do *Estuprador da Zona Sul*, fica patente a necessidade de todos os envolvidos, de alguma forma – polícia, vítimas, população e mídia –, classificar os crimes

5 Este depoimento foi concedido em entrevista ao repórter Laudívio Carvalho, da Rádio Itatiaia e veiculado no programa Itatiaia Patrulha no dia 27/6/2003. A cópia desta entrevista foi cedida a este trabalho pela Rádio Itatiaia.

6 Na gíria policial, “presunto” quer dizer cadáver.

7 Disponível em: <http://www.sof.org.br>.

cometidos por Ivan Marques de Oliveira em dois pólos distintos: normal ou anormal. Durkheim (1977) nomeia essas duas variedades distintas de fenômenos, mas cria um terceiro tipo: 1) normais: fatos que apresentam as formas mais gerais; 2) patológicos ou mórbidos: fatos que apresentam as formas excepcionais; 3) tipo médio: ser esquemático, que seria constituído ao reunir num mesmo todo, numa espécie de individualidade abstrata, os caracteres mais frequentes. Durkheim (1977) explica que o tipo normal se confunde com o tipo médio e que todo desvio em relação a esse padrão da saúde é um fenômeno mórbido.

Ardaillon e Debret (1987, p. 23) explicam que o estupro é tendencialmente descrito com um ser muito próximo do reino animal, mas afirmam que esse tipo de crime pode ser cometido por homens considerados normais:

Toda vez que se relata um caso de estupro a um homem, sua primeira reação é dizer: 'Mas esse cara é um anormal!'. Há uma dificuldade em conceber que a proporção de 'anormais' que praticam o estupro não é superior àquela existente em outros crimes e que o estupro pode ser cometido por homens considerados normais em seus demais comportamentos. Essa dificuldade explica, em grande parte, a má vontade dos investigadores e delegados de polícia, que tendem a ver as denúncias de estupro como uma fantasia de mulheres históricas e vingativas, quando o acusado não se enquadra no modelo de um ser 'anormal'.

○ crime de estupro

São Paulo é a Capital brasileira com o maior número de estupros, segundo a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SNSP), que usou dados das secretarias de segurança estaduais. O Rio de Janeiro fica em segundo lugar e Brasília está em terceiro. A maior taxa de estupros por 100 mil habitantes foi registrada em Porto Velho, seguida por Macapá e Boa Vista. Não há no Brasil números oficiais que levem em conta casos de estupro não relatados à polícia, mas, segundo dados da SNSP, quase 13 mulheres são estupradas por dia apenas nas capitais brasileiras e no Distrito Federal.

Certamente que o estupro é uma das violências mais antigas da história da humanidade, mas, segundo Vigarello (1998, p. 79), a própria palavra “estuprador” não existia:

Durante muito tempo, houve apenas referência à satíriase, distúrbio orgânico bem específico, do qual Areteu apresentou uma versão canônica: uma ereção incoercível, dominando o doente levado a uma 'paixão sem freios', prolongando-se por uma inchação de todo o corpo, uma multiplicidade de pruridos, a exalação de um odor fétido, a presença de uma diarreia contínua, a perda de apetite, alterações que terminavam com a morte inevitável do doente. A gravidade do mal se deve principalmente à ameaça contra a saúde. A brutalidade é pouco examinada, apenas vislumbrada para denotar o fim temporário da crise.

O autor aponta, ainda, que sempre foi desejo de pesquisadores encontrar as raízes do estupro. Vigarello (1998) explica que a primeira hipótese surgiu em 1810, quando Gall sugeriu a tese das localizações cerebrais, isto é, a correlação entre as localizações anatômicas e as tendências ao crime. Gall foi um dos primeiros pesquisadores cujo trabalho de campo consistia em visitas a prisões austríacas, alemãs e francesas, onde apalpava o crânio dos condenados para detectar suas particularidades: o instinto mortífero do assassino, marcado na saliência dos ossos situados acima do conduto auditivo externo ou a tendência viciosa do ladrão, marcada na saliência do osso frontal. Segundo Gall, na nuca estava a marca registrada dos agressores sexuais: nessa região do corpo dos detentos ele localizava os relevos e protuberâncias dos autores de violência ou de excessos sexuais. De acordo com o pesquisador, havia um estigma idêntico a todos os condenados por atos sexuais: um desenvolvimento excessivo do cerebelo e a existência de um pescoço desmesuradamente alargado.

No final do século XIX, os crimes sexuais em série assustavam tanto a Europa quanto a América. O primeiro registro de grande repercussão foi na França, em 1893, com Joseph Vacher, que estuprava e matava crianças. Quase na mesma década apareceram *Jack, o Estripador* em Londres e o caso Holmes, em Chicago. O caso de Joseph Vacher comoveu a opinião pública e colocou a mídia na intermediação das forças entre o acusado e a população:

A originalidade do caso Vacher está principalmente na intensa mobilização da opinião pública, na vontade da imprensa de superar as fronteiras locais, representando os sentimentos e comoções coletivos a ponto de dar a ilusão, no caso francês, de poder oferecer uma tribuna ao acusador e ao acusado (VIGARELLO, 1998, p. 195).

O século XIX marcou o início das primeiras publicações sensaciona- listas com o surgimento dos *penny press*, ou seja, os jornais baratos, popu- lares. Segundo Amaral (1996), o americano *New York Sun* foi o pioneiro nesse tipo de abordagem e realçava notícias relacionadas com processos judiciais e crimes, indo à fonte dos choques de interesses individuais e ao fundo das paixões humanas. O autor lembra que paralelamente, na França, surgiram os *canards*, jornais populares de apenas uma pági- na, impressos na parte frontal e que comportavam títulos, ilustrações, textos. Amaral (1996) destaca que os textos mais procurados da época eram os que relatavam crianças martirizadas ou violadas, parricídios ou cadáveres cortados em pedaços.

A mulher como vítima de estupro

O Ministério da Saúde informa que as vítimas de estupro são, principalmente, a adolescente e a mulher jovem. Os mesmos dados apontam, ainda, que 16% das mulheres que sofrem violência sexual contraem algum tipo de doença sexualmente transmissível e que uma em cada mil é infectada pelo HIV. Mas, segundo Drezett (2000), a verdadeira incidência dos crimes sexuais é desconhecida, acreditando- se ser essa uma das condições de maior subnotificação e sub-registro. Segundo o autor, nos Estados Unidos, calcula-se que apenas 16% dos estupros são comunicados às autoridades. No incesto, esses percentu- ais não chegam aos 5%.

Camargo (2000) mostra que estudos mundiais demonstram que uma em cada quatro mulheres adultas em países industrializados sofre violência. A feminista Belkis Morgado (1987) diz que a situação da mulher é historicamente de vítima da opressão masculina, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista ideológico, em razão do modelo da família patriarcal. Segundo Morgado, apesar de aparentemente ter hoje mais liberdade, na realidade os condiciona- mentos internos da mulher são extremamente repressivos e a liberdade delas é uma ficção da época atual.

Um tópico importante neste assunto é a sempre presente discussão sobre o suposto consentimento da mulher no estupro. O tema é recor- rente entre policiais, familiares, amigos, vizinhos e até a mídia: *A mulher teria contribuído de alguma forma? A vítima teria facilitado o estupro? O estuprador não resistiu a tantos apelos e seu instinto falou mais alto?* Co- mentando sobre o *Ancien Régime*, na França, Vigarello (1998, p. 47) diz que, já naquele tempo, havia discussões sobre esta possível participação da mulher no crime de estupro:

A irresistível certeza de que a mulher cedeu voluntariamente se impõe, assim, de forma sub-reptícia. Não que seja evocada alguma força demoníaca sobre o seu ser, ou que sejam retomadas as conseqüências tradicionais de sua lascívia diabólica, de sua incontinência e impudicícia desregrada, essa lubricidade que a leva muitas vezes para onde a virtude e a razão reprovam. A análise interior não é explicitada, simultaneamente impossível e subtendida. O argumento de algum consentimento evidente nos textos jurídicos é sóbrio, pouco comentado, limitado a reflexões aparentemente mecânicas: o estupro tentado por um homem sozinho contra uma mulher resoluta seria impossível por simples princípios físicos; o vigor feminino basta para a defesa; a mulher sempre dispõe de meios suficientes.

O autor relata um caso antológico nessa questão do consentimento da mulher ao estupro. É chamado de episódio de Bruneau, datado do século XVIII:

Um juiz obriga um homem acusado de estupro a entregar um saco de moedas à sua acusadora; mas logo tomado pela dúvida e desejando fazer um teste, o mesmo juiz autoriza o homem a retomar a bolsa a qualquer preço; a mulher resiste, se revolta, devolve os golpes que recebe, se debate, aperta o dinheiro contra o peito e o defende tão bem que consegue conservá-lo; daí a certeza da 'prova': a mulher teria podido defender ainda melhor seu corpo do que seu dinheiro (VIGARELLO, 1998, p. 48).

O papel da mídia na construção do estuprador da Zona Sul

O apelido *Estuprador da Zona Sul*, dado a Ivan Marques de Oliveira, nasceu na redação do jornal *Estado de Minas*, dado pelo editor de polícia da época. A Zona Sul de Belo Horizonte, uma região aparentemente afastada das mazelas da sociedade, é formada por bairros nobres e concentra a maior renda *per capita* da cidade. Mas quando aconteceu o estupro no bairro Sion, foi como se toda a classe média alta da Capital tivesse sido atingida e, com ela, a mídia. Parece que a sociedade e a imprensa aceitam essas práticas quando originárias das regiões pobres, mas a violência à classe A acaba atingindo por tabela toda a população. Assim, a alcunha *Estuprador da Zona Sul* foi logo assimilada pelo imaginário popular e todos passaram a temer – moradores da Zona Sul ou não – o bandido que roubava e estuprava mulheres.

Neste texto, busca-se entender a participação da mídia mineira na construção da imagem de Ivan Marques de Oliveira como um estuprador terrível e temível. Será que a busca incessante pela notícia, pelo fato novo, pode levar a imprensa à construção de uma superestrela do crime? Segundo Vilella (1998, p. 27), “a produção de notícias é veloz, incessante e excessiva. Da mesma forma que constrói conceitos, modismos, hábitos e comportamentos, desmantela opiniões e imagens”.

Serva (2001) lembra que a matéria-prima da notícia é o raro, o paradoxo, o imprevisível e o caos, aparente ou verdadeiro. O autor explica que essa rede de notícias trabalhando sempre em busca da novidade tira do público a capacidade de avaliação e compreensão das informações e “possivelmente anula a sua capacidade de produzir signos interpretantes necessários para o acompanhamento de todas as notícias” (p. 79). Leão (1997) afirma que os consumidores ficam hipnotizados diante da imprensa.

Seria esta a ação do “quarto poder”? A representação da imprensa como um quarto Estado nasceu antes da revolução americana, quando Thomas Macauley (*apud* DENIS, 1986, p. 104) escreveu que “a galeria onde os repórteres ficam (no parlamento) tornou-se um quarto estado do reino”. Até de mídia imperial os meios de comunicação já foram chamados, segundo Lerner (1984). Arbex Jr. (2001, p. 7) diz que a mídia é perigosa “pela sua capacidade de condicionar o imaginário, moldar percepções, gerar consensos, criar base psicossocial para uma operação de grande envergadura, como a guerra”.

Pode a mídia construir um mito?

O noticiário policial mineiro é rico em casos de estupros em série. No final da década de 1990, em Contagem, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, um homem praticou 59 estupros, chegando a assassinar algumas de suas vítimas. Ele estuprava estudantes, geralmente à noite, na saída da escola. Morreu assassinado por outros presos. Na época, o assunto foi muito comentado, mas não teve a mesma repercussão do caso de Ivan Marques de Oliveira, pois estupro moças pobres, de famílias de baixa renda, numa região de pouco *status* econômico. Outro caso igualmente conhecido: no início da década de 1980 um estupro em Belo Horizonte passou a atacar dentistas, principalmente, e também algumas médicas. Trabalhava como vendedor numa loja na avenida Paraná – centro pobre e região de baixo meretrício – de Belo Horizonte e, nos horários de folga ou quando saía do serviço, atacava suas vítimas. Aproximadamente 12 mulheres foram estuproadas. Ele foi preso, mas conseguiu fugir da Penitenciária Dutra Ladeira. Depois da

fuga, voltou a praticar outros estupros. Só que, desta vez, suas vítimas passaram a ser as secretárias de escritórios. Chegou a estuprar quinze secretárias. Foi condenado a mais de 100 anos de prisão. Também este caso, apesar da grande repercussão, não atraiu os holofotes da mídia como o do *Estuprador da Zona Sul*.

Partindo da premissa de que não se trata de um plano deliberado da mídia mineira em construir um mito com base na figura de um estuprador, é inegável que a imprensa se aproveitou do fato e explorou incansavelmente todo o noticiário em torno do tema. Jornais e emissoras de rádio e TV deram ampla cobertura a toda informação envolvendo os passos de Ivan Marques de Oliveira. Existe até um debate na mídia mineira que discute a veracidade das informações veiculadas: se todos os crimes imputados ao *Estuprador da Zona Sul* realmente foram cometidos por ele. Não se trata aqui, obviamente, de reportagens falsas, como aquela que acarretou o fiasco do Prêmio *Pulitzer* concedido a Janet Cooke, do *Washington Post*, pela matéria sobre o viciado em heroína de oito anos de idade (NEWMAN, 1984). Mas não é exagero afirmar que a imprensa mineira fomentou e investiu pesadamente no imaginário popular ao pintar com as cores mais vivas todos os episódios envolvendo Ivan Marques de Oliveira.

Newman (1984) diz que, periodicamente, a imprensa torna as pessoas conhecidas e famosas e depois parece adquirir um interesse especial em derrubá-las. Arbex Jr. (2001, p. 114) fala em estratégia de sedução:

Um dos desafios enfrentados diariamente pelos estrategistas da mídia consiste, precisamente, na elaboração de estratégias de sedução do telespectador/ leitor, operando em um inevitável espaço de ambigüidade do fato comunicativo. Trata-se de transformar a ambigüidade em seu oposto – o consenso parente, imposto, fabricado por técnicas de propaganda.

Matéria sobre a criação do mito publicada pela revista *Superinteressante* explica que a fama permite a criação de uma espécie de personagem permanente (SOALHEIRO; FINOTTI, 2004). De acordo com o texto, o ídolo precisa ter certas características que o distanciam dos simples mortais, alguém com habilidades extraordinárias. Mas até o mito hoje é massificado, segundo Tognolli (2003). Um bom exemplo disso são os programas chamados *reality shows*, onde pelas câmeras de TV, pode-se ver pessoas comuns transformarem-se em celebridades ao mostrar suas mais simples rotinas diárias, como dormir, comer, escovar os dentes, cantar ou decorar uma casa. Seria a versão moderna do ro-

mance “1984”, de George Orwell, um *Big Brother* pós-moderno. Arbex Jr. (2001, p. 55) fala da existência de um jogo narcísico nestes processos de identificação dos *massa media*:

Há uma elevada dose de narcisismo nesses processos de identificação. Mesmo inconscientemente, escolho os aspectos que merecem ser iluminados na composição de tal ou qual personagem, os aspectos que melhor me descrevam para mim mesmo e para os outros de acordo com aquilo que penso a meu respeito. Ou, ao contrário, escolho a figura que deve ser odiada por se opor à minha imagem ideal.

Quando o assunto é imprensa e imagem pública não se pode deixar de citar o caso Escola Base, reconhecido como o exemplo prototípico do tema no Brasil. No episódio, donos de uma escola infantil foram acusados de prática sexuais abusivas contra seus alunos. Ao final das contas, viu-se que “a imprensa trabalhou mal e, por isso, prejudicou pessoas, destruiu negócios, liquidou reputações.” (BRICKMANN, *apud* RIBEIRO, 2001, p. 7). Os prejuízos foram irreversíveis, já que a retratação não corrige danos morais, pois, segundo Vilella (1998, p. 2), “o linchamento moral, quando infelizmente acontece, torna vulnerável qualquer tentativa de recuperação de imagem”. Sobre o caso Escola Base, Ribeiro (1991, p. 158) explica:

No Estado de Direito, a Justiça decide se as pessoas são culpadas. Os inquéritos e julgamentos são públicos. A imprensa, nesses casos, costuma lavar as mãos: dá a notícia e o público interpreta como convém. Pelos usos e costumes do jornalismo, o repórter não leva nenhuma culpa se o povo acha que uma investigação é motivo para depredação e linchamento.

Este tópico pode ser encerrado com duas reflexões sobre o trabalho da imprensa. A primeira é de Sorel Kierkegaard, publicada em Ribeiro (1991). Segundo o autor, se os veículos de comunicação tivessem que pendurar uma placa em sua porta, como acontece em algumas categorias profissionais, os dizeres deveriam ser os seguintes: “Aqui homens são desmoralizados com a maior rapidez possível, na maior escala possível e ao preço mais baixo possível”. A segunda reflexão é de Rubem Fonseca publicada em Serva (2001): “No dia seguinte os jornais já não davam destaque à morte de Marly. Tudo cansa, meu anjo, como dizia o poeta inglês. Os mortos têm que ser renovados, a imprensa é uma necrófila insaciável.”

A responsabilidade social da imprensa

Newman (1984, p. 33) se pergunta: “Qual o nosso grau de honestidade?” Schmuhl (1984, p. 26) afirma que “o caminho para a responsabilidade, com certeza, não é nada fácil”. Um exemplo pode ser lembrado. Bill Granger, jornalista do *Tribune* (apud SCHMUEHL, 1984, p. 23), escreveu em 1983, a noite da eleição do prefeito de Chicago:

Se você vai a seminários sobre jornalismo e ouve doutos professores e pomposos editores debaterem a ética e a moral do jornalismo moderno, certamente terá uma idéia errada. Toda aquela lenga-lenga não tem nada a ver com a apuração de uma reportagem e o ato de colocá-la no papel. Somente existem duas regras no jornalismo real: Consiga a reportagem. Publique-a. Tudo mais é da consciência de cada um... Você pode ser um repórter de natureza nobre ou pode ser um mau caráter, o teste decisivo para ambos será o mesmo: Consiga a reportagem. Publique-a.

Felizmente, não são todos os jornalistas que resumem a responsabilidade social da imprensa nas expressões “Consiga a reportagem. Publique-a.” Elliot (1986, p. 117) afirma que os meios de comunicação de massa têm responsabilidade em relação à sociedade, não importando em qual sociedade estejam operando. Já Christians (1986) vai mais longe e afirma que “o grande compromisso dos veículos de informação é o de denunciar toda e qualquer forma de injustiça e opressão”. Greenfield (1984, p. 68) recorda o princípio ético fundamental de Kant: “Trate as pessoas como fins e não como meios, como objetos. Se a imprensa ignora a humanidade daqueles que são notícia ela faz exatamente isto: reduz as pessoas a objetos”. O autor faz uma diferenciação importante da definição de público para os jornalistas: “Eles antes eram nossa audiência. Atualmente, existe uma nova palavra: eles são o nosso ‘mercado’. E a distância entre essas duas palavras, em termos éticos, é enorme” (GREENFIELD, 1984, p. 68).

Se o público é tratado como mercado, a notícia certamente é um negócio. Newman (1984) explica que as pessoas entram nesse ramo para ganhar a vida e que as organizações informativas existem para ter lucros. Nesse caminho em direção ao lucro, o trabalho da imprensa visa buscar incessantemente a novidade em detrimento, muitas vezes, de uma conduta ética. Serva (2001, p. 121) explica esse processo:

Na ausência de notícias genuína ou integralmente novas, os jornais buscam outras, inteiramente novas, ou ‘esquentam’ as já existentes, re-

digindo-as propositalmente com a informação antes desconhecida, aumentando o efeito surpresa, como também diminuindo a compreensão.

Essa busca pela novidade pode se tornar um fator complicador quando a pauta envolve matérias de interesse humano. No caso específico deste artigo, por exemplo, o tema envolve todos os ingredientes necessários para figurar na primeira página dos jornais: sexo, crime, violência, tudo isso temperado pelo dinheiro das altas classes sociais. Assim, não fica difícil explicar por que os crimes do *Estuprador da Zona Sul* atraíram rapidamente a atenção da imprensa mineira. Mas Hodges (1986, p. 32) alerta que os jornalistas deveriam tomar muito cuidado ao decidir que histórias que irão contar:

O fato de que precisamos de matérias de interesse humano não é razão suficiente para justificar a publicação de todas. A necessidade geral não impõe a exigência de se divulgar histórias específicas. Existem, às vezes, boas razões para não se publicar uma boa história, ainda que seja uma realmente excelente. Às vezes elas invadem a privacidade. Às vezes podem embaraçar ou prejudicar pessoas inocentes.

Newman (1984) diz que existem cada vez menos pessoas no jornalismo que sabem a diferença entre o que está certo e o que está errado. A dificuldade, certamente, reside na escolha das notícias e qual o valor que elas têm perante a sociedade. Greenfield (1984, p. 64) toca num ponto importante ao lembrar que nenhum repórter pode renunciar a uma notícia interessante porque algum dos envolvidos se opõe à sua divulgação, “e é também igualmente verdadeiro que os segredos pessoais, até mesmo íntimos, de alguns indivíduos são claramente de interesse público”.

Barbeiro e Lima (2001) traçam 101 sugestões para uma conduta ética do jornalista. No foco específico deste texto, quatro dessas sugestões podem ser destacadas:

O interesse público deve reger as relações do jornalista com a sociedade, preservando os direitos do cidadão. É a preocupação com o bem-estar social, que envolve a segurança, a saúde, a moral e o patrimônio coletivo (p. 17).

O jornalista só deve dizer a verdade e resistir a todas as pressões que possam desviá-lo desse rumo (p. 17)

Todas as pessoas são inocentes até a condenação passada em julgado. Até então, há suspeitos, denunciados, indiciados, acusados ou réus. É comum, principalmente em programas policiais, o uso de expressões como assassino, bandido, estuproador e outras denominações sem qualquer comprovação. Isto significa incentivar o ódio social contra determinadas pessoas, etnias ou minorias, e contribui para danos muitas vezes irreparáveis (p. 20).

Notícias que ajudam a criar uma imagem simpática ou romântica de criminosos não devem ser divulgadas (p. 21).

Considerações finais

Tema recorrente em textos acadêmicos e até na própria mídia, a responsabilidade da imprensa na criação do mito merece ser cada vez mais aprofundada. É um assunto que permeia toda a sociedade – talvez como uma ferida sem cicatrização – num debate que envolve, principalmente, questões éticas.

No caso deste texto, é relevante o papel da mídia na construção do nome e do estereótipo de um estuproador. A série de crimes de Ivan Marques de Oliveira em nada difere de outros ocorridos em terras mineiras em quantidade ou gravidade. É claro que se trata de um bandido de alta periculosidade, impiedoso com suas vítimas. Mas a chave da questão reside, justamente, na construção de uma superestrela do crime com base em um codinome de peso: *Estuproador da Zona Sul*. Depois disso, qualquer estupro espetacular, qualquer tara, qualquer desvio de comportamento sexual passaram a ser automaticamente imputados a Ivan Marques de Oliveira, que ganhou as principais manchetes dos jornais e grandes espaços na mídia eletrônica. Duas horas antes de morrer, por exemplo, Ivan falou ao vivo, e com exclusividade, para a Rádio Itatiaia, numa entrevista em que, monossilábico, o estuproador demonstrou familiaridade no trato com as rotinas jornalísticas pela sua postura diante do microfone.

Com a população acuada e um sistema de segurança pública falho, não foi difícil para a imprensa mineira mitificar o *Estuproador da Zona Sul*. O bandido passou a ser caçado como um troféu pela polícia, enquanto as mulheres de todas as regiões da cidade temiam um ataque iminente. Ivan Marques de Oliveira ganhou pela última vez os holofotes da mídia com a sua morte por razões não explicadas. A notícia foi primeira página de todos os jornais e o rádio e a TV deram amplo destaque

à informação. A imprensa cogitou, obviamente, a hipótese de suicídio, mas lia-se nas entrelinhas dos textos jornalísticos – ditos objetivos – uma proclamação pela vitória da sociedade por Ivan ter aparecido morto em uma cela lotada. Um fim *hollywoodiano* para o *Estuprador da Zona Sul*.

Referências

- AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra- DC Luzatto, 1996.
- ARBEX JR, José. *Showjournalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARDAILLON, Danielle; DEBERT, Guita Grin. *Quando a vítima é a mulher: análise de julgamentos de crimes de estupro, espancamento e homicídio*. Brasília: Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Ministério da Justiça, 1987.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de radiojornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BRASÍLIA. Ministério da Saúde. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes*. Normas Técnicas. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- CAMARGO, Márcia. Violência e saúde: ampliando políticas públicas. *Jornal da Rede Saúde*. São Paulo: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, n. 22, nov. 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo *et al.* (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/ FALE/ UFMG; Carol Borges Editora, 1999.
- CHRISTIANS, Clifford. A imprensa e os oprimidos. In: ELLIOTT, Deni (Org.). *Jornalismo versus privacidade*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- DENIS, Everette. Responsabilidade social, representação e realidade. In: ELLIOTT, Deni (Org.). *Jornalismo versus privacidade*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- DREZETT, Jefferson. Aspectos biopsicossociais da violência sexual. *Jornal da Rede Saúde*. São Paulo: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, n. 22, nov. 2000.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ELLIOT, Deni. Bases para a responsabilidade dos meios de informação. In: ELLIOTT, Deni (Org.). *Jornalismo versus privacidade*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- ESTADO DE MINAS. 26-28 jun. 2003.
- GREENFIELD, Jeff. Um respeito decente. In: SCHMUHL, Robert (Org.). *As responsabilidades do jornalismo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.
- HODGES, Louis. Definindo a responsabilidade da imprensa: uma abordagem funcional. In: ELLIOTT, Deni (Org.). *Jornalismo versus privacidade*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- HOJE EM DIA, 28 jun. 2003.
- LEÃO, Anis José. Violência e mídia. *Mídia X Violência: jornal da disciplina Projeto Experimental III*, PUC Minas, jun. 1997, edição única.
- LERNER, Max. Algumas perguntas que não esperam resposta. In: SCHMUHL, Robert (Org.). *As responsabilidades do jornalismo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.

- MACAULEY, Thomas. *apud* DENIS, Everette. Responsabilidade social, representação e realidade. In: ELLIOTT, Deni (Org.). *Jornalismo versus privacidade*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- MORGADO, Belkis. *A marca do gado: rótulo da mulher*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- NEWMAN, Edwin. A responsabilidade do jornalista. In: SCHMUHL, Robert (Org.). *As responsabilidades do jornalismo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.
- OLIVEIRA, Joubert. O estuprador que não era da Zona Sul. *Mídia X Violência: jornal da disciplina Projeto Experimental III*, PUC Minas, jun. 1997, edição única.
- RIBEIRO, Alex. *Caso Escola Base: os abusos da imprensa*. São Paulo: Ática, 1991.
- SCHMUHL, Robert (Org.). *As responsabilidades do jornalismo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.
- SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Senac, 2001.
- SOALHEIRO, Bárbara e FINOTTI, Ivan. Peão do pop. *Superinteressante*. Edição 198, mar. 2004.
- TOGNOLLI, Cláudio Júlio. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd090920032.htm>. Acesso em: setembro de 2008
- VIGARELLO, Georges. *História do estupro: violência sexual nos séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- VILLELA, Regina. *Quem tem medo da imprensa – Como e quando falar com jornalistas: guia básico de mídia training*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.